

Das Märchen vom Schlauraffenland, ou A História de um País de Monos e Loucos ¹

Profa. Dra. Sylvia Maria Trusen

Departamento de Letras
UFPA

sylviatrusen@interconect.com.br

Resumo

O presente estudo, pertencente ao domínio dos estudos literários, examina o conto publicado pelos Irmãos Grimm, em 1815, *Das Märchen vom Schlauraffenland* na coletânea *Kinder-und Hausmärchen* (*Contos maravilhosos para as crianças e para o lar*). A partir da etimologia do título dado à narrativa, pretende-se articular a designação alemã dada à lendária Cocanha ao recorte e filtragem que antecede sua publicação na compilação, e nos anexos.

Palavras-chave: Cocanha, *Contos maravilhosos para as crianças e par ao lar* (*Kinder-und Hausmärchen*), recepção.

Abstract

The present work, belonging to the domain of literary studies, examines the tale published by the Brothers Grimm, in 1815, "*Das Märchen vom Schlaraffenland*" in the collection *Kinder-und Hausmärchen*. From the etymology of the title given on to the narrative, we intend to articulate the German designation given to the legendary *Cockaigne* to the cutting and filtering, which antecede its publication in the collection and in the annexes.

Keywords: Land of Cockaigne, *Kinder-und Hausmärchen*, reception.

“A fábula do mono ou Schlauraffenland remonta, sem dúvida, à idade bem antiga, pois esta atual narrativa já aparece em poema do século XIII. Aqui, como em quase toda parte, foi logo utilizada para o divertimento; porém, ela também surgiu na narrativa da casinha de confeitos coberta de pão e feita de canela (Nr. 15), escamoteada sob a seriedade ingênua das crianças. Esta, como aquela, prende-se ao mito, ainda mais remoto e profundo, do paraíso da inocência perdido, onde leite e mel escorrem.” (Brüder Grimm 1982, III V: 251)

Com esta explicação, os Grimm assinalam a proveniência do conto nº 158, publicado no segundo volume da primeira edição do *Kinder-und Hausmärchen* (1815), intitulado “Das Märchen vom Schlauraffenland”.² Observam, entretanto, o parentesco com outro conto, bem mais conhecido do público brasileiro, salientado pela enunciação da sedutora casa coberta de confeitos, dado que ambos estariam enlaçados ao mito do Éden. Antes, porém, vale deter-se no nome que intitula a narrativa, averiguando sua etimologia e uma possível tradução para o idioma português.

O nome composto é formado por *Land* (país) e *Schlauraffe*, substantivo masculino, que podemos traduzir por mandrião, vadio, indolente. A crer na etimologia do vocábulo sugerida pelo DUDEN (1989), parece provir este último de *slûr-affe*, com o qual o médio alto alemão tardio designava os que se dedicavam ao ócio. Com efeito, a consulta ao dicionário iniciado pelos Irmãos, indica que *Schlaraffenland* é o nome pelo qual se canta os prazeres da vida ociosa (*Schlaraffenleben*) garantida por esta terra em que o trabalho não se faz necessário. *Schlaraffenland* remontaria, assim, ao país das delícias, ou mais especificadamente, à Terra da Cocanha.

Se o nome [*Schlaraffenland*] só é encontrado no século XV, a história do *Märchen*, entretanto, se deixa rastrear à época bem mais remota como a que é contada pela narrativa da *Cocanha*, em francês antigo. (Grimm e Grimm 1971, V. XV: 496)

Contudo, se por *slûr* entende-se “criatura preguiçosa” (*faules geschöpf*), ou ainda indivíduo “parvo e preguiçoso” (*Mittelhochdeutsches Wörterbuch* 1990, V. III: 416)³, a palavra em alemão, ao tempo da publicação do conto, parece escamotear certa tensão entre o desejo sempre relembrado pela literatura da terra da abundância e certa crítica à vida desperdiçada no ócio.

Por conseguinte, propõe-se para o estudo desta narrativa examinar como o conto é remetido, por um lado, ao elogio à terra do ócio e, por outro, de que modo coloca sob suspeição, aqueles que, como símios, vivem alegre e preguiçosamente.⁴

O livro de Hilário Franco Jr. (1998), *Cocanha: a história de um país imaginário*, trata de um *corpus* resultante de um mosaico de textos que tem motivado, em diferentes contextos, uma variedade de estudos. Refere-se, pois, aquele país lendário retratado no *fablieau* “De Cocaigne”, versão escrita no século XIII, provavelmente na Picardia. Conquanto não constitua uma narrativa mítica, afirma-o o autor, sua matéria, entrelaçada a diferentes âmbitos culturais (greco-romano, o antigo oriente médio, relatos bíblicos, muçulmanos), foi gestada em épocas remotas. E, de fato, se a observação dos Grimm no *Kinder-und Hausmärchen* já assinalara a rememoração do mito da terra prometida por este lugar (ou não-lugar, se assumirmos que se trata de uma utopia), o *Deutsche Mythologie* ratifica a aliança. Este seria, assim, “um país, onde leite e mel

escorrem (exod. 3.8), como no schlaraffenland [sic], já conhecido dos gregos” (Grimm 2003: 244)

Contudo, a extrema diversidade de textos que compõem o *fablieau* francês, anotada por Hilário Jr., impede qualquer tentativa no sentido de exaurir o jogo intertextual e/ou intervocal. Ademais, à hercúlea tarefa somar-se-ia ainda a dificuldade advinda da natureza dos contos maravilhosos, cujas partes, regidas pela lei da permutabilidade (Propp 1984), migram, possibilitando intermináveis e permanentes intercâmbios entre as narrativas.

Por sua vez, premido o pesquisador pelos limites das páginas deste estudo, e cômico de que a origem é categoria mutante segundo as leituras que dela se fazem, irá, aqui, deter-se ao conto lido e traduzido para as páginas do *Kinder-und Hausmärchen*. Mais confortável no campo dos estudos literário, orientar-se-á pela finalidade, vale frisar, de examinar a tensão manifesta no título e no recorte que antecede a publicação do conto “Das Märchen vom Schlaraffenland” (“A História de um País de Monos e Loucos”).

“No tempo dos loucos, andava eu e vi, sobre um fino fio de seda, dependuradas Roma e a Santa Sé. Ultrapassando um cavalo veloz, vi um homem pernetá, e transpassando uma ponte, uma faca bem afiada. Lá eu vi um jovem asno com focinho de prata, que perseguia duas lebres velozes, e uma grande tília em que cresciam pães bem quentes.” (Brüder Grimm 1982 II V: 275)

Para o leitor da composição francesa, chama de imediato atenção a quase absoluta ausência de um tema central da Cocanha. Afora, de fato, a frondosa tília, da qual pendem os pães, e o sempre recorrente vale, por onde corre mel e leite, o *leitmotiv* certamente não é a fartura, e muito menos a licenciosidade observada nos versos franceses. Todavia, existiam outras variantes igualmente conhecidas pelos irmãos. Ao assinalarem, como visto, a diferença entre a jocosidade presente em certo número de narrativas dedicadas ao tema, e a ingênua seriedade atestada por outras (como testemunharia o *Hänsel und Gretel*), observam que pertence ao ramo das primeiras a conhecida facécia (*Schwank*)⁵ de Hans Sachsen e a de Fischart. O anexo ao conto *KHM* 158, publicado igualmente em 1815, reproduz alguns trechos:

“Neste país não fico mais, o vento me leva para Schlaraffenland. Lá, três vezes há natal, as vigas são de leitão, as paredes, de pão-de-ló. Lá, as fontes são de vinho de malva, a chuva é de nata, e o granizo, de grãos de ervilha. A folgança lá, é paga, e o sono é louvado (...).” (Brüder Grimm 1982 III V: 251)

Se confrontados, pois, o texto publicado no *Kinder-und Hausmärchen* e o anotado em seus anexos, é perceptível o recorte pelo qual se expurga todo louvor à ociosidade, à licenciosidade e à juventude - temas que atravessariam os versos referidos pelos Grimm. *Schlaraffenland* é removido, portanto, do sítio onde se enaltece o ócio para o do absurdo, do mundo às avessas, outro tema explorado por essas narrativas. Esse deslocamento não é fortuito e - sinaliza o curioso nome que batiza o conto - é próprio da recepção singular que teve a narrativa em território alemão. Como anota Hilário Jr, “a Cocanha alemã nascia sem conotação paradisíaca, utópica, expressando pelo contrário repulsa por gente fraca, viciosa.” (*op. cit.*: 205)

De fato, já se anotou, a palavra comporta forte carga depreciativa. Com efeito, ao *slûr* - com que designava desdenhosamente o indivíduo mandrião - cresceu-se, a partir

do século XIV, o vocábulo mono (*affe*), signo de desvario.⁶ Essa junção das palavras – *slûr*, *affe*, *land* – se é explicável diante da posterior emergência da burguesia protestante, ela, de fato, impunha-se em consonância à construção de caracteres moderados e à necessária valorização do trabalho, de modo a possibilitar a acumulação de capital. A campanha voltada à difamação do ócio, igualado à insensatez, foi, de fato, especialmente contundente na Alemanha em formação, como testemunham o florescimento de manuais, no século XVIII, voltados à formação moral dos cidadãos modernos.⁷ Nesse contexto, é pois compreensível que os Grimm tivessem retirado do *corpus* central do *Kinder-und Hausmärchen* justamente aquela narrativa que enaltecia o ócio como forma privilegiada de vida. Em seu lugar, entra a variante que nomeia e institui aquela região como o país dos loucos, sítio, portanto, muito próximo daquele explorado pelo tema da *Narrenschiff*.⁸

A associação dessas naves carregadas de insanos ao país dos loucos não é acidental, sobretudo na Alemanha do século XV, quando era hábito corrente expulsar das cidades os desprovidos da razão.

“Mas de todas essas naves romanescas ou satíricas, a *Narrenschiff* é a única que teve existência real, pois eles existiram, esses barcos que levavam sua carga insana de uma cidade para outra. Os loucos tinham então uma existência facilmente errante. As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos. Esse costume era freqüente particularmente na Alemanha (...)” (Foucault 2004: 09).

Parece, pois, haver um liame a entrelaçar o tema da Nau dos Loucos àquele eleito para figurar no *Kinder-um Hausmärechen*. Se é verdade que a carga simbólica da Nau, à sua época, oferece uma série de ambigüidades – os loucos, não raro, eram identificados com os peregrinos – é inegável presidir à construção do acervo uma depuração similar. Como se purificavam as cidades, libertando-as de seus loucos – a exclusão que os encerra na eterna condição de viajante – também o *Märchen* persuasivo, aquele que corrosivamente enaltecia o desregramento como experiência singular e benéfica, migrava para as páginas marginais do acervo. Excluída a preguiça, signo de desatino, entra em cena o mundo às avessas.

“Lá, eu ouvi peixes tagarelarem tão alto que o rumor ecoava pelos céus, e vi como o mel corria, de um vale profundo, para o alto de uma montanha. Eram estranhas histórias.” (Brüder Grimm 192 II V: 276).

Absurda narrativa, reconhece quem dá seu testemunho. De fato, transportado o relato de *Schlaraffenland* para as páginas do acervo, doravante lido na *Haus* burguesa, depura-se a carga de rebeldia original. Os eventos enunciados convertem-se em “estranhas histórias”. Não se percebe, de fato, nas linhas do “Das Märchen vom Schlaraffenland”, uma única nota de aprovação e/ou identificação entre o mundo descrito como estranho, e quem o experimentara. Há um fosso a separar o depoimento de alguém provido de razão que olha, de fora, aquele mundo desordenado. Nesse sentido, parece reger a transposição da narrativa para o acervo, o intento de submetê-la à ordem da razão. Em outros termos, vislumbra-se a *domesticação do maravilhoso*, vale dizer, o intento de conter a potencial resistência, própria da alteridade que representa. (Le Goff 1994; Bravo 1985; Trusen 2005)

Todavia, enveredar pelas sendas deste gênero e o controle a que ele foi submetido, significa iniciar uma outra narrativa. Por ora, importa recordar com os Grimm, nesta facécia, a sábia advertência de um galo, “*có-có-ri-có, este Märchen, acabou*”.

BIBLIOGRAFIA

- BRAVO, Victor. *Los poderes de la ficción*. Caracas: Monte Ávila, 1985.
- BRÜDER GRIMM. *Kinder-und Hausmärchen*. Stuttgart : Philipp Reclam, 1982. III V.
- CASCUDO, Luis da Camara. *Literatura oral no Brasil*. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- CLAUSEN-STOLZENBURG, Maren. *Märchen und mittelalterliche Literaturtradition*. Heidelberg : Winter, 1995.
- DUDEN – *Deutsches Universal Wörterbuch*. 2 ed. Mannheim; Leipzig; Wien; Zürich: Dudenverlag, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. 7ª ed. Trad. de José Teixeira Coelho São Paulo : Perspectiva. 2004.
- FRANCO JR., Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm*. Leipzig: S. Hirzel, 1971. XXXII v. V. XV. Disponível em: <http://germazope.uni-trier/Projects/WBB/woerterbuecher>. Acessado em 14/12/2006.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994. Título original: L’imaginaire médiéval.
- Mittelhochdeutsches Wörterbuch*. Mit Benutzung des Nachlasses von Georg Friedrich Benecke ausgearbeitet von Wilhelm Müller und Friedrich Zarncke. IV V. Stuttgart: S. Hirzel, 1990. Disponível em: <http://germazope.uni-trier.de/projekts>. Acessado em 03/10/2006.
- NASSEN, Ulrich. Das Kind als wohltemperierter Bürger. In: *Aufklärung und Kinderbuch*. Darmstadt : Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1986.
- PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- RÖLLEKE, Heinz. Nachweise zu *KHM*. In: BRÜDER GRIMM. *Kinder-und Hausmärchen*. Stuttgart : Philipp Reclam, 1982. III V. V. III. pp. 441-515.
- TRUSEN, Sylvia Maria. Do veto à alteridade nas sendas do conto dos Grimm, O Príncipe-Sapo (Der Froschkönig oder der eiserne Heinrich). *Brathair* n. 5 (1), 2005, pp. 65-72. Disponível em: www.brathair.com Acessado em 03/10/2006.

NOTAS

¹ A tradução da palavra *Märchen* é controversa, dada a singular etimologia do vocábulo. Provinda do nome *Maer*, que significou inicialmente rumor (in)fundado, passando posteriormente a designar conto, fábula, foi-lhe acrescida o sufixo diminutivo *-chen* (em algumas regiões *-lein*), que contribuiu para assinalar, sobretudo a partir do século XVII, a natureza pouco crível de um certo gênero de narrativas (um bom estudo acerca da evolução da palavra, oferece o livro *Märchen und Mittelalterliche Tradition* de Clausen-Stolzenburg 1995). Tal processo, entretanto, terminou por embaçar a ambivalência que marcava inicialmente o nome. No título dado ao conto, preferiu-se, pois, traduzir *Märchen* por história, de modo a sugerir a ambigüidade que marcara inicialmente o vocábulo.

² Os Grimm utilizam à época da publicação do acervo a grafia *Schlauraffenland*, provavelmente em função do contágio com o antigo vocábulo *slûr-affe*, derivando daí o título dado à narrativa, “*Das Märchen vom Schlauraffenland*” (Cf. Rölleke 1982). Atualmente, o léxico do alemão moderno registra o termo *Schlaraffenland* para designar este país imaginário.

³ Cf. etimologia no *Mittelhochdeutsches Wörterbuch*. Mit Benutzung des Nachlasses von Georg Friedrich Benecke ausgearbeitet von Wilhelm Müller und Friedrich Zarncke. IV V. Stuttgart: S. Hirzel, 1990. IV v. V. III. O dicionário pode ser consultado em <http://germazope.uni-trier.de/projekts>

⁴ A composição francesa pode ser remetida ao tema do Éden, e, por extensão, à formulação das utopias ocidentais. “É a idéia do paraíso terrestre e da <<idade de ouro>> - que não estão à nossa frente mas sim atrás de nós; e, se procurarmos encontrar esse paraíso e essa idade num utópico *millenium*, não temos um horizonte futuro: temos como que um regresso às origens.” (Le Goff 1994: 52). Contudo, a discussão recortada por Franco Jr. (1998) em torno dos diferentes pontos de vista acerca desta construção, bem como em relação à sua denominação (mito, ideologia, utopia) não será aqui considerada, dado ser outro o alvo por ora delineado.

⁵ Adotou-se aqui a tradução sugerida pelo *Literatura oral no Brasil* (Cascudo 1984)

⁶ Hilário Jr. tece igualmente algumas considerações a respeito da formação da palavra alemã. Cf. também a respeito o *Mittelhochdeutsches Handwörterbuch von M. Lexer*, disponível em <http://germazope.uni-trier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/bmz/lexer>

⁷ Cf. a respeito Nassen (1986). O autor anota a ampla circulação de manuais voltados à edificação moral burguesa nos séculos XVII-XVIII. Com efeito, em 1789, escrevia Bahrtdt o seu *Handbuch der Moral für den Bürgerstand*: “*A bem da verdade, o alimento substancioso, preparado com simplicidade e temperado pela fome que o trabalho desperta, levado ao estômago saudável e ao coração feliz, resulta em mais prazer e vigor do que a mais rica mesa do pândego, que tão raramente se alimenta por fome, mas freqüentemente por concupiscência.*” (apud Nassen 1986 : 230)

⁸ Motivo que serve para uma série de composições literárias, como *Narrenschiff*, de Brant (1492) em torno do século XV e o célebre quadro homônimo de Jerônimo Bosch.. A respeito do aparecimento da imagem da *Nau* na paisagem imaginária de fins da Idade Média. “*Um objeto novo acaba de fazer seu aparecimento na paisagem imaginária da Renascença; e nela, logo ocupará lugar privilegiado: é a Nau dos Loucos, estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos*” (Foucault 2004: 9).